

A SUBJETIVIDADE INSTITUINDO-SE NA MODERNIDADE

Lucimar Bello Pereira Frange*

INTRODUÇÃO

A arte como experiência, a arte como conhecimento são afirmações que trazem em si mesmas, questões como a subjetividade e as relações entre sujeito e objeto, freqüentemente dicotomizadas.

Recorto para repensar o aspecto da subjetividade da e na arte, a subjetividade instituindo-se a partir de Descartes, Hume e Kant e alguns pensadores posteriores, tanto em um tempo histórico que chamaria "linear" como em um tempo-espaço pessoal-cultural-social, um tempo em "espiral", cíclico que propõe dinâmica e constantemente a construção de novos ciclos, sem chegar ao mesmo lugar, "movimentos que arrancam o Ser do não-ser, a forma do amorfo, o ato de potência, o cosmos do caos",¹ e estão ancorados em um passado com vistas a um futuro.

A arte considerada como fazer, como conhecer, como exprimir, são concepções que no decorrer da história se somam e/ou se anulam, incorporando construção, representação, vida interior-exterior que passa pelos símbolos, pelos mitos.

"A arte é um fazer tal que, enquanto faz inventa o por fazer e o mo-

do de fazer."²

A arte é fazer, conhecer, exprimir, mas ao mesmo tempo implica a fruição, a contemplação, implica o inventar, o descobrir tanto de quem produz como de quem observa.

Na leitura da obra de arte Croce e Gentile, dois pensadores italianos, têm pensamentos opostos; para Croce a fruição é reevocação, se reencontra, se renova, se reaviva, se recria; para Gentile trata-se "de uma verdadeira e própria tradução", só pode reviver uma obra se se torna atividade pessoal do leitor, se tornando uma criação nova.

Tanto Croce quanto Gentile discutem aspectos que se opõem, mas se ampliam, como a fisicidade da obra de arte e a espiritualidade, (não há um sem o outro). O estilo é humanidade em termos de arte e a humanidade está

* Professora do Dep. de Artes Plásticas da Universidade Federal de Uberlândia.

1) BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo, Ática, 1985. (Série Fundamentos). p. 13.

2) PAREYSON, Luigi. *Os problemas da estética*. Trad. Maria Helena Nery Garcez. São Paulo, Martins Fontes, 1984. p. 32.

presente no estilo, sendo impossível separá-los.³

maior é Descartes. Atribui como inatos certo número de conceitos, os funda-



A arte tanto do lado de quem a produz quanto de quem a frui, tem instaurada na obra, no momento, nas atividades como nos happenings, nas performances (na arte contemporânea), a subjetividade que se torna fundante para o momento de criação ou recriação da própria obra e/ou do conceitual.

I. O racionalismo, movimento filosófico que vem de ratio = razão como fonte de conhecimento humano, remonta a Platão que afirma: os sentidos não podem conduzir-nos a um verdadeiro saber. Há um mundo suprasensível, o mundo das idéias. O mundo é ordem lógica, metafísica; um reino de essências ideais. As idéias geram as coisas e os conceitos.

Na Idade Moderna o racionalismo se intensifica e seu representante

mentais ao conhecimento; não procedem da experiência mas são patrimônios vindos da razão. O pensamento continua sendo a única fonte de conhecimento. O racionalismo de um lado permitiu "perceber o valor do significado racional do conhecimento humano", mas ao mesmo tempo, é "exclusivista ao fazer do pensamento a fonte única ou própria do conhecimento", e ainda, "permite penetrar na esfera metafísica pelo caminho do pensamento puramente conceitual. Deriva de princípios formais, proposições materiais; deduz, de meros conceitos, conhecimentos."⁴

Descartes (1596-1650) com o "Cogito ergo sum", "Penso logo existo", inaugura a subjetividade, "eu sou, eu existo".

3) Id. ibid. p. 151-153.

4) HESSEN, Johannes. *Teoria do conhecimento*. 7 ed. Trad. Antônio Correia. Coimbra, Arménio Amado, 1980.

*"A ordem do existir é a ordem do ser, a ordem do pensar é a ordem do conhecer."*⁵

Eu penso, sou uma coisa que pensa, é condição de todo e qualquer conhecimento. Há ao mesmo tempo, uma afirmação privilegiando o pensamento, a razão; mas há concomitantemente uma subjetividade posta, instaurada, um ser metafísico e um ser ontológico. Afirma a existência de idéias inatas e não experiência do mundo; o homem é uma razão que de início se basta a si mesmo.

Descartes, com o Método da Dúvida avança no sentido do conhecimento; rompe com vários aspectos da tradição medieval; questiona e vai contra o "argumento da autoridade", rompe com a subordinação da razão à perspectiva teológica; inaugura a discussão do sujeito pensante, o homem como sujeito; abre espaço para as ciências humanas. A dúvida no processo de criação e na experiência estética é mola propulsora do fazer — pensar, permite cortes e/ou continuidades, mortes e/ou renascimentos. O pensamento de Descartes se opõe ao da Antiguidade e da Idade Média que pensam o sujeito-objeto, mas privilegiam o objeto. Descartes dá ao sujeito um papel ativo no conhecimento. O homem como construtor de seu próprio conhecimento, abrindo espaços para ser o homem o construtor e apreendedor de sua própria percepção-representação-expressão, em diálogo com a natureza e com os elementos dados pela cultura, homens transformadores das realidades.

Descartes quando cria a cadeia de razões, pós eu penso, deixa "aberturas" para se pensar a subjetividade. Posteriormente vai ser possível, de forma mais aprofundada e questionadora, mergulhar no pensamento quanto ao fazer e fruir arte.

Quando faço, construo, invento, crio ou exerço a fruição, o faço a partir de uma cadeia de razões, o faço como ser desejante, como ser caminhante, ser em estado de "sendo e estando no mundo": é possível ir lendo-o, colecionando-o, questionando-o, modificando-o, criando-o, assim como a uma obra de arte.

Descartes tem como princípio a razão, as evidências lógicas, racionais, mas deixa entreaberto o espaço da subjetividade; Hume privilegia a experiência sensível, mas afirma que a imaginação articula as sensações pela memória, permitindo a dimensão das vivências psíquicas; Kant tenta articular razão e experiência sensível, uma realidade de você, pessoal com suas projeções, o homem como o grande ordenador da realidade, os homens como ordenadores-des-ordenadores das realidades. Para Kant, o conhecimento é síntese de alguma coisa do objeto e alguma coisa que o sujeito coloca de seu novo objeto. Kant tenta superar o racionalismo dogmático; o conhecimento é construído a partir da síntese do composto de impressões sensíveis (sensibilidade) que vêm do objeto e da faculdade de entendimento que vem do sujeito. Todo ato de conhecimento é um ato de re-conhecimento, quer dizer, confron-

5) RODRIGO, Lídia Maria. Anotações de aula. Disciplina: Metodologia do Ensino da Filosofia. Uberlândia, UFU, 1º semestre de 1988.

to entre o desconhecido com o conhecido. A experiência nos dá dados para organizarmos subjetivamente o conhecimento que não é cópia da realidade, mas produção do sujeito. Os objetos nos são dados enquanto representações sensíveis deles mesmos, são pensados através dos conceitos, gerando o entendimento. A sensibilidade é a capacidade que tenho de ser afetado pelo objeto; são intuições empíricas; espaço e tempo são intuições puras ou "a priori".⁶

Descartes inaugura a subjetividade; Hume privilegia as impressões sensíveis, Kant dá um passo enorme, subjetividade — objetividade, em uma postura dialética como alicerce para outros pensadores.

Descartes ao perguntar "o que sou eu?, sou uma coisa que pensa, duvida, concebe, afirma, nega, quer ou não quer; imagina e sente. Sou eu que duvido, que entendo, que desejo, o eu é consciência, é relação consigo mesmo, é subjetividade."⁷

"Eu como coisa pensante, não posso, embora não pertençam a minha natureza, por em dúvida, imaginar, sentir, querer."⁸

Posteriormente recorro a alguns filósofos e suas interpretações quanto ao conceito do eu: Kierkegaard define o eu como "uma relação que se relaciona consigo mesma, depois acrescen-

ta que enquanto relação consigo mesma, o eu é relação com o outro; isto é, com o mundo, com os outros homens e com Deus; Heidegger 'eu penso alguma coisa', coisa entendida como ente intramundano, que traz consigo inexpressa a pressuposição do mundo: 'eu sou em um mundo'; Merleau-Ponty, a primeira verdade é sem dúvida 'eu penso', mas que se entenda 'eu sou para mim mesmo sendo no mundo; Dewey, 'eu penso, eu creio, eu desejo' ao invés de pensa-se, crê-se, deseja-se. Significa afirmar uma responsabilidade e antecipar uma pretensão."⁹

II. Talvez, a partir do colocado, eu possa assim sintetizar:

Descartes: eu penso, logo existo;

Hume: penso, existo, sinto;

Kant: penso, existo, sinto, subjetiva e objetivamente;

Merleau-Ponty: penso, existo, sinto subjetiva e objetivamente sendo no mundo;

Dewey: eu penso, eu existo, eu sinto subjetiva e objetivamente experienciando o mundo; eu creio, eu desejo (o espaço das "zonas obscuras").

Se pensamos e acreditamos que somos porque falamos, pelas palavras, pelas linguagens e/ou pelas imagens,

6) Id, ibid.

7) ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 2.ed. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo, Mestre Jou, 1982. p. 368.

8) DESCARTES, R. *Meditações*. São Paulo, Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores). p. 103.

9) ABBAGNANO, N. op. cit. p. 370-1.



pelos olhares, somos seres nos quais estão presentes as perspectivas do Para-Si e do Para-Outro de Merleau-Ponty. Do Para-Si, eu com a visão de Mim mesmo, o outro com a visão de Si mesmo; do Para-Outro, a visão do outro de mim e minha visão do outro.¹⁰ Assim nos colocamos como seres comunicacionais, simbólicos, imaginários, reais, mediaticados e mediatizantes pelo mundo, interligados uns aos outros, em uma postura dialética.

Na "linguagem, a utilização de palavras ou símbolos não é só para nos comunicarmos, mas para forjarmos as nossas idéias nos nossos espíritos", diz Bronowski; há palavras para ordenar ou comunicar e há palavras que são si-

nais. A linguagem humana vai além das palavras da comunicação e utiliza também as palavras para formular idéias de nossos espíritos. "As palavras constituem os veículos de nossa imaginação e a matéria prima da literatura."¹¹ Acrescento a esta última frase, ao lado das palavras, as imagens-linguagens (construo o pleonasma como forma de enfatizar as imagens), imagens-linguagens constituídas de palavras "mudas", referencial constante nas artes plásticas. Vivemos, hoje as imagens do mundo em um mundo de imagens. A ciência e a técnica nos colocaram diretamente ligados aos Meios de Comunicação de Massa, aos vídeos, a Televisão, aos "out-door" por todos os lados e em quaisquer situações.

10) MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Reginaldo de Piero. Rio de Janeiro/São Paulo, Freitas Bastos, 1971. p. 10-1.

11) BRONOWSKI, Jacob. *Arte e conhecimento; ver, imaginar, criar*. Trad. Artur Lopes Cardoso. São Paulo, Martins Fontes, 1983. p. 19-21.

À medida que a noção de eu vai se modificando, se questionando e sendo ampliada, a subjetividade e a objetividade também o são. A visão do eu, do outro, dos outros, do simbólico, de imaginário, do real, varia em momentos históricos-culturais-sociais, de sujeito para sujeito, de comunicação para comunicação, de momento para momento.

Arte sendo construção, conhecimento, expressão do ser humano e este aspirando, respirando e transpirando o mundo e suas interrelações, é visível e clara a importância de Descartes, de Hume, de Kant, pensando e re-pensando "quem sou eu"? "quem somos nós?" o que desejo eu? o que desejamos nós?, são aberturas fundantes para questionamentos vitais.

CONCLUSÃO

A nossa capacidade de articular, manipular e expressar palavras e imagens, tanto para nós mesmos como para os outros, nos permite mudá-las, desenvolvê-las, dar-lhes significados diversos. A imaginação é nossa capacidade de construir imagens e conceitos no espiritual, no material. Nas artes plásticas vão ser expressas em obras objetivadas, tornadas objetos, ou subjetivadas, como as obras conceituais, estabelecendo estreita e intimista relação entre subjetividade-objetividade, razão-emoção, logos-mitos, sujeito-objeto, obra de arte enquanto processo-produto e suas relações explícitas e implícitas. Para tornar "plástica esta discussão e análise, me apodero de uma obra de

arte que coloca em discussão pensamento e não-pensamento, visto e por-ser-visto, dito e entredito, "o homem como duplo empírico-transcendental, o homem como também lugar de desconhecimento — deste desconhecimento que expõe sempre ser pensamento a ser transbordado por seu ser próprio e que lhe permite, ao mesmo tempo, se interpelar a partir do que lhe escapa." O abordar e ser abordado pela "existência muda-pretense a falar, atravessada secretamente por um discurso virtual."¹²

O cogito moderno propõe uma articulação do pensamento com o que nele, em torno dele, debaixo dele, não é pensamento, mas que não lhe é estranho. O cogito moderno é questionamento para saber como o pensamento pode ser sob as espécies do não-pensante; é a interrogação do homem e sua relação com o impensado.¹³

A obra de Velázquez, "A Família de Felipe IV", de 1656, foi denominada assim até 1843, quando recebeu o nome "Las Meninas" (as "damas de honra"), é um exemplo de cogito moderno.

Desde sua realização sua fama e os questionamentos que levanta, são constantes e inúmeros. "Lucas Jordan a chamou de "Teologia da Pintura" e Teófilo Gautier, assombrado com sua espacialidade, perguntou "Aonde está o quadro?" Camón Aznar afirma que não há um 'espaço passivo' do Renascimento, mas interdistâncias pela luz e pelas recíprocas relações entre as coi-

12) FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*; uma arqueologia das ciências humanas. Trans. Salma T. Muchail. 3. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1985. p. 339.

13) Id., *ibid.* p. 340-41.

sas e as atitudes dos personagens que criam uma complexidade espacial tensa e palpável".¹⁴ A perspectiva agora, é espacial; a atmosfera é poética (há um ar entre-posto); convivem uma ambientação real, uma densidade atmosférica predominando um fundo monocromático; a cor é tratada como também o é pelos venezianos, manchas luminosas se intercalam com as sombras do pavimento e das paredes. Fica para o expectador uma porta invisível e o "percorrer" em uma quarta dimensão, o movimento entre o interior e o exterior, a temporalidade.

Os principais personagens lançam seus olhos aos espectadores, aumentam a tensão-dialogal; os reis são refletidos fantasmagoricamente no espelho e como se "fora do quadro".

Orozco, muralista mexicano, assim se manifesta sobre *Las Meninas*: "somos outra personagem que entramos pela porta entreaberta e com indistinta curiosidade nos vemos miran-

do o que passa no recinto em que pinta Velázquez"; que se auto-retrata encoberto pela alta tela, a qual irá absorvê-lo em seguida. Há uma espécie de grande gaiola virtual na qual a superfície que ele está pintando o projeta para trás. Está em um instante de pausa, de oscilação. Seu talhe escuro, seu rosto claro são meio-termos entre o visível e o invisível. Saindo desta tela que nos escapa, ele emerge aos nossos olhos. . . Ele reina no limiar destas duas visualidades incompatíveis.

Há uma tênue rede de olhares, há um espetáculo-de-olhares.

Nós espectadores estamos dentro e fora, em excesso; somos acolhidos e expulsos; o que olha e o que é olhado permutam-se incessantemente. . .

Quem somos nós? A que e a quem olhamos nós? O que somos enquanto seres-olhados-olhantes?



14) BUENDIA, J. Rogelio. *El prado básico*. Bilbao, Silex, 1982.

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 2.ed. Trad. Alfredo Bosi, São Paulo, Mestre Jou, 1982.
- BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo, Ática, 1985. (Série Fundamentos).
- BRONOWSKI, Jacob. *Arte e conhecimento; ver, imaginar, criar*. Trad. Artur Lopes Cardoso. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- BUENDIA, J. Rogelio. *El prado básico*. Bilbao, Silex, 1982.
- DESCARTES, R. *Meditações*. São Paulo, Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas; uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma T. Muchail. 3.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1985.
- HESSEN, Johannes. *Teoria do conhecimento*. 7.ed. Trad. Antonio Correia. Coimbra, Arménio Amado, 1980.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Reginaldo de Piero. Rio de Janeiro/São Paulo, Freitas Bastos, 1971.
- PAREYSON, L. *Os problemas da estética*. Trad. Maria Helena Nery Garcez. São Paulo, Martins Fontes, 1984.
- RODRIGO, Lúcia Maria. *Anotações de aula*. Disciplina: Metodologia do Ensino da Filosofia. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 1º semestre de 1988.